

MOVIMENTOS DE SUBCULTURA: QUANDO O DIFERENTE PASSA A SER CONVENCIONAL.

Subculture movements: When the different becomes mainstream.

Cortês, Iara Tavares; Graduada; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *campus* Caicó, iara_cortes@hotmail.com¹

Mendes, Layla de Brito; Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *campus* Caicó, layla.mendes@ifrn.edu.br²

Resumo: Este artigo pretende analisar alguns grupos contemporâneos de subcultura como difusores de tendências de consumo e comportamento. Através de pesquisa bibliográfica, os movimentos Hipster, Normcore e Afropunk foram definidos e caracterizados, e assim pode-se observar como se dá sua participação no ciclo da moda, passando pelos estágios de emergência, apogeu, massificação e declínio.

Palavras-chave: afropunk; hipster; normcore; subcultura.

Abstract: This study intends to analyze some contemporary subculture groups as diffusers of consumer and behavior tendencies. Through bibliographic research, the Hipster, Normcore and Afropunk movements were defined and characterized, and thus one can observe their participation in the fashion cycle, passing through the stages of emergence, apogee, massification and decline.

Keywords: afropunk; hipster; normcore; subculture.

Introdução

O termo “tendência” foi inicialmente utilizado para definir artigos inéditos, produtos nunca antes vistos e que era *avant-garde* (MONÇORES, 2013). Com o passar do tempo, o uso dessa palavra tornou-se mais amplo, “designando uma coisa e seu contrário” (ERNER, 2015, p. 11), portanto “tendência” deixou de significar apenas o que era diferente e inovador para o cenário atual, e passou também a designar o próprio cenário. Ou seja, o termo passa a ter um uso plural e dúbio, servindo para “qualificar do mesmo modo alguns

¹ Discente do curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *campus* Caicó.

² Docente do curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *campus* Caicó.

movimentos minoritários e também seus opostos, movimentos incontornáveis” (ERNER, 2015, p. 11).

A moda é regida por um ciclo: do surgimento de algo inovador (muitas vezes proveniente de movimentos apartados), seu apogeu e consequente massificação, ao declínio e rejeição ao esquecimento, para então começar-se tudo novamente (ERNER, 2015). Para que esse ciclo ocorra, é imprescindível que haja a participação efetiva dos indivíduos, consumidores que independentemente de se apresentarem como protagonistas ou como meros adeptos possuem importante papel nesse sistema.

Esses movimentos apartados se classificam, em muitos casos, como subculturas, que surgem de sujeitos com pensamentos comuns à atividades diversas e que acabam criando um simbolismo próprio em suas expressões (sejam elas orais, comportamentais ou visuais) que os diferencia da sociedade geral (CASTRO, 2014). São grupos que, provocam questionamentos na “reprodução da lógica social e familiar conservadoras, por meio de aspirações hedonistas, imediatistas e idealistas e questionamentos existenciais” (ANDRADE, 2016, p. 58).

A contestação desses valores vigentes não tem o propósito obrigatório de transformar a cultura geral, ela busca posicionar-se como o “outro” através de “suas atitudes e produções (literárias, musicais, vestuais) que passarão simbolicamente sua mensagem de insatisfação” (ANDRADE, 2016, p. 58). Andrade (2016) indica, ainda, alguns exemplos de grupos, ao longo da história, que pode-se citar como subculturas: os *Teddy Boys* e *Girls* dos anos 50, os *Skinheads* e os *Mods* nos anos 60. Todavia, esse termo pode ser aplicado a diversos outros grupos que surgiram ao longo da história para quebrar os padrões da sociedade em que viviam.

Nos últimos anos, três movimentos de subculturas urbanas emergiram nas ruas: o Hipster, o Normcore e o Afropunk. Sempre seguindo a ideia de renunciar o que é convencional, cada um desses grupos aparece com tendências opostas ao anterior. Este trabalho objetiva caracterizar cada um desses movimentos e questionar sobre a transição dessas culturas rebeldes para a convencionalidade da massificação de suas tendências.

Essa é uma pesquisa de natureza pura, de abordagem qualitativa e com objetivo descritivo (SEVERINO, 2007). Através de pesquisa de revisão bibliográfica em publicações (artigos científicos, livros e sites) sobre os assuntos aqui abordados, pode-se caracterizar os referidos três grupos de subculturas, identificar suas principais características e avaliar seu papel na moda contemporânea.

Os Hipsters

Nos anos 2000 observou-se a ascensão do termo Hipster, usado para denominar “pessoas ‘modernas’, ‘cool’, avançadas, aqueles tipos peculiares, cujos sensores captam no presente o que ainda está por ser adotado pela maioria em um futuro próximo” (BROYARD, 2001, p.159). São pessoas que se identificam com a singularidade e autenticidade, ansiando por se diferenciar das outras pessoas e fugindo de generalizações – inclusive da que os inclui dentro do próprio grupo (RASMUSSEN *et al.*, 2012).

Ao contrário de movimentos anteriores ao Hipster (como os já citados geração beats, hippies e punks), essa subcultura é muito mais fundamentada em seus hábitos de consumo do que em suas motivações políticas (RASMUSSEN *et al.*, 2012).

Contudo, a palavra Hipster não surgiu para designar o movimento que atualmente é identificado assim. Surgindo nos anos 40 para representar pessoas brancas que adotaram o estilo de vida dos músicos negros de jazz, nos Estados Unidos, como dito por Rasmussen *et al.* (2012, p.15):

Essas pessoas eram conhecidas como Hipsters devido ao fato de sua maneira de se vestir e agir ser dita como “hip”. No final dos anos 50, esse grupo de pessoas entrou em foco para o público através de um grupo de autores e poetas, mais tarde conhecido como a geração beat.

Posteriormente, na década de 90, o termo serviu para nomear os “boêmios de Williamsburg”, bairro de Nova Iorque onde se acredita que o movimento, como conhecemos hoje, teve início, antes de se propagar por todo o mundo. Atualmente, encontram-se representantes desse grupo em capitais europeias, asiáticas e da América Latina (RASMUSSEN *et al.*, 2012).

Marcada não só pelo que é moderno e a frente do seu tempo, a cultura Hipster também se caracteriza por um saudosismo recorrente, especialmente nos âmbitos musicais e da moda. Suas roupas são, usualmente, de um estilo antigo que é revisitado e inovado, seja em suas cores, formas ou *styling* (figura 1). Muitas vezes as peças trazem referências a filmes, músicas ou séries que sejam familiares a esse grupo, e que o público em geral não possui qualquer conhecimento, geralmente (RASMUSSEN *et al.*, 2012).

Figura 1: Exemplos do estilo Hipster.



Fonte: <https://br.pinterest.com/>, 2017

Mesmo sendo uma subcultura que valoriza a distinção do indivíduo dentre os demais, o movimento Hipster não foi isento da massificação de suas produções artísticas e de estilo para os mais diversos grupos, contando com a ajuda da crescente popularidade de novas bandas de rock e brit pop, como The Strokes e Arctic Monkeys, para o aumento da visibilidade e disseminação dos elementos Hipsters.

O Normcore

Por volta de 2013 um novo fenômeno começou a surgir nas ruas, jovens que encontravam liberdade no normal, em não ser especial ou diferente. Com roupas largas, peças sem gênero, tons neutros e peças que poderiam ser de um “suburbano de meia-idade” (WILLIAMSON, 2015, p. 22), o Normcore nega

a saturação da moda e o excesso tendências, que surgem e desaparecem rapidamente (figura 2). Mas nem por isso vestem-se de maneira desatenta, na verdade seu estilo é uma “cuidadosa explosão de moderação” (WILLIAMSON, 2015, p. 22).

Figura 2: Exemplos do estilo Normcore.



Fonte: <https://br.pinterest.com/>, 2017

O termo Normcore foi primeiramente utilizado pelo grupo de previsores de tendências nova-iorquino, o K-Hole, como um movimento que visava a volta à normalidade, às raízes suburbanas e ao não-extraordinário, valores diferentes dos vigentes nas tendências, já bem difundida, dos Hipsters. Seja pela dificuldade de se expressar (e consumir) de maneira única e diferente dos demais, seja pela saturação do movimento Hipster na mídia, o Normcore ganhou força e adeptos nas ruas de Nova Iorque, onde surgiu, até ser difundido mundialmente por meio da internet, em blogs de moda e redes sociais, especialmente devido à adesão de celebridades ao estilo (WILLIAMSON, 2015).

Assim, o Normcore foi recebido como um “repouso” no modo de se vestir, contrário ao pensamento detalhista exigido pelo estilo (de consumo, de se vestir, de agir) dos Hipsters e, com isso, propagou-se rapidamente e ganhou popularidade, configurando-se como uma tendência geral.

Os Afropunks

Matthew Morgan produziu o documentário “Afro-Punk”, evidenciando os punks negros nos Estados Unidos. Escrito e dirigido por James Spooner e lançado em 2003, esse documentário deu visibilidade e iniciou a evolução do movimento, que atualmente é formado por jovens de berço multicultural e inovadores (AFROPUNK, 2017).

Em 2005 houve o primeiro festival Afropunk, em Nova Iorque, trazendo diversas manifestações artísticas ligadas ao movimento e frequentado por pessoas cujo estilo se inspira, principalmente, nas raízes africanas, suas cores, padronagens e modelagens, com elementos modernos e excêntricos (figura 3).

Figura 3: Exemplos do estilo Afropunk.



Fonte: <https://br.pinterest.com/>, 2017

A comunidade virtual, criada para unir e difundir o movimento, diz que:

Descrito pelo New York Times como "o festival mais multicultural dos Estados Unidos", a palavra AFROPUNK tornou-se sinônimo de mente-aberta, não-conformista e não-convencional, colocando a instituição no epicentro da cultura urbana inspirada pela música alternativa (AFROPUNK, 2017).

De maneira semelhante às subculturas já apresentadas, o estilo de se vestir Afropunk também expandiu-se para além do grupo em que começou, ganhando notoriedade não apenas nas ruas e internet, mas também nas

passarelas, inspirando a coleção *ready-to-wear* de Primavera/17 do Marc Jacobs (figura 4).

Figura 4: Desfile de Primavera/17 *ready-to-wear* do Marc Jacobs.



Fonte: <https://www.vogue.com/>, 2017

Considerações Finais

A moda se constitui em um sistema cíclico de tendências. Subculturas tornam-se, portanto, parte natural desse sistema, elas são o “outro”, o que fica à parte do corpo social geral, mas também, e por esse exato motivo, subculturas são as grandes responsáveis pela inovação: aquilo que um dia foi exclusivo de um pequeno e diferenciado grupo da sociedade, torna-se comum nos meios de massa e de domínio geral, até que surja um novo movimento, com novas tendências, para negar tudo o que está em voga.

Essas subculturas estão à margem da sociedade e não é de hoje, desde os anos 50 pode-se referir a movimentos semelhantes de rejeição aos padrões. Contudo, o que se nota atualmente é que esses grupos deixaram de lado o discurso político e se centram mais em anunciar novas tendências, seja na moda, na música, na gastronomia e em diversos outros campos, talvez para atender às demandas frenéticas da própria moda (ERNER, 2015).

Essa velocidade traz também uma diminuição no ciclo de tendências. Uma contracultura é absorvida pela população geral mais amplamente graças,

principalmente, às redes sociais e à adesão de celebridades ao estilo, mas também seu declínio é bem mais acelerado – se comparado à movimentos passados – pela saturação causada pelos mesmos meios responsáveis por sua difusão, abrindo-se o espaço para outras inovações e, portanto, dando continuidade ao ciclo.

Referências

AFROPUNK. **The Movement**. Disponível em: <<https://goo.gl/XiHDhW>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ANDRADE, M. Z. de. **Rebeldia pronta para o consumo: a construção da cultura juvenil no brasil dos anos 1950-60**. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/1rCkR4>>. Acesso em: 18 set. 2017.

BROYARD, A. A Portrait of the Hipster. In: CHARTERS, A. (Org.). **Beat down to your soul: what was the beat generation?** Tradução de: Wladimir Machado. New York: Penguin, 2001. p. 159-165.

CASTRO, C. S. de. **Subcultura de consumo e a formação do eu: um estudo em feiras e bazares de moda**. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/x3bE3U>>. Acesso em: 18 set. 2017.

ERNER, G. **Sociologia das tendências**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MONÇORES, A. Tendência de Moda – Invenção da mídia? In: Colóquio de Moda, 9., 2013, Fortaleza, **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://goo.gl/OiG0zO>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

RASMUSSEN, A. et al. **Investigation of the Hipster**. 2012. 86 f. Tese de Doutorado – Humanistic International Basic studies, Roskilde University, Dinamarca. Disponível em: <<https://goo.gl/byZdHS>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

WILLIAMSON, E. The Revolution Will Probably Wear Mom Jeans. **The Baffler**, Cambridge, n. 27, p. 22-28, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/eDteZn>>. Acesso em: 01 fev. 2017.